

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996. 372 p.

Não é por acaso que o capítulo introdutório desse livro se propõe “contar uma (...) história” com “personagens principais”, “figurantes” e o inevitável “protagonista” ou “herói” de um “enredo” nem sempre linear, sobre o qual se constrói uma “narrativa” de final aberto. Acrescente-se que o espaço é o do Brasil e que o tempo desconhece o rigor de fronteiras incompatíveis com o caráter dinâmico da ação. Quanto ao narrador, desdobra-se em “quatro mãos, todas femininas”, demonstrando assim que à arte de narrar não é alheia a “íntima relação entre o universo feminino e o mundo da leitura” (p. 217).

E trata-se justamente de uma história da leitura a que Marisa Lajolo e Regina Zilberman – apoiadas na vasta experiência que detêm nesta área – contam a um leitor que é simultaneamente personagem e que, nesta duplicidade, apreende a literatura como um conjunto de práticas de escrita e de leitura em constante diálogo com o sistema social. Esta interação constitui, aliás, um dos pressupostos de que partem as autoras, ao rejeitarem a exclusiva autoridade do texto, valorizando, em contrapartida, as condições concretas da sua produção e recepção, e, neste sentido, ao proporem o leitor como instrumento de avaliação e de reflexão sobre o fenômeno literário.

É, pois, o leitor o herói dessa narrativa que, após uma “Declaração de princípio” contendo os pressupostos, os objetivos e o método que a fundamentam e organizam, se detém no desenho de um protagonista com várias faces a que o sexo, a idade e o enquadramento social fixam os contornos. Seja como for, esse leitor nasce com a sociedade burguesa e capitalista: a

expansão da imprensa e do mercado livreiro tornam o livro num produto de mais fácil acesso; índices mais elevados de alfabetização e de escolaridade desenvolvem competências de leitura; o lazer e o espaço íntimo da célula familiar incentivam a fruição dos bens culturais recentemente adquiridos.

Identificado o leitor, Marisa Lajolo e Regina Zilberman entregam-se à reconstrução da sua história. Iniciam então uma fascinante viagem pela literatura brasileira, privilegiando o diálogo das fontes documentais com o texto literário e o leitor aí representado:

Projeção do desejo do escritor, de suas memórias de leitura, da utopia de uma época ou reflexo de pesquisas de mercado, o leitor que o texto representa pode considerar-se, não sem razão, e com certeza sem hipocrisia, irmão e semelhante do leitor empírico (p. 17).

E numa atitude de prevenção contra possíveis distorções, recorrem as autoras à pluralidade das imagens: Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Lima Barreto, Mário de Andrade, Graciliano Ramos e Clarice Lispector – entre muitos outros que virão a ser convocados – representam nos seus textos várias fases de um percurso, ao longo do qual o leitor cresce e se desenvolve rumo à emancipação. E se começa por ser vítima de um paternalismo condescendente – que ora se esconde numa insidiosa sedução, ora menospreza sem reboço –, o leitor acaba por conquistar a autonomia e o respeito que fazem da literatura um verdadeiro ato de comunicação.

Esse capítulo, justamente intitulado “A construção do leitor”, não dispensa um outro a que as autoras chamaram “A leitora no banco dos réus” e que é inteiramente dedicado à construção da leitura feminina – talvez porque as mãos que o escrevem são também femininas, decerto porque o acesso ao mundo dos livros foi particularmente penoso para a mulher, o que não impediu, ainda assim, a próxima e peculiar relação que ela foi capaz de criar com a leitura. A precária situação cultural herdada da colonização portuguesa é comum ao homem e à mulher, pesando sobre esta a desvantagem de se mover numa sociedade patriarcal que nos livros suspeita poderosamente

sas ameaças à sua sobrevivência e que, por isso, fiscaliza, reprime e freqüentemente criminaliza a união da mulher com a palavra escrita. Encerra-se esse capítulo com dois finais possíveis para a história da mulher-leitora. Um deles prende-se com o destino de Carolina Maria de Jesus, autora de *Quarto de despejo*, publicado em 1960: “mulher, negra e pobre”, acaba isolada, expiando a culpa de uma subversão que a classe e a etnia radicalizam. O outro projeta-se na protagonista de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, quando, ao tomar consciência, nas páginas de um livro, da sua identidade social, altera, enfim, os “horizontes de precariedade, preconceito e segregação que, por tanto tempo, rege(ra)m as relações de mulheres & leituras” (p. 304-5).

Se o final desse capítulo, à imagem do que acontece na ficção, se revela um local privilegiado para a formulação de sentidos, fica clara a importância de ser este o último capítulo da obra. Esta posição estratégica é ainda reforçada pela relação especular que mantém com o primeiro, já que em ambos se trata de construção, variando apenas os contornos da figura construída.

Assim emoldurados ficam outros dois: no capítulo denominado “Direitos e esquerdos autorais”, reivindicam-se, como parte da literatura e da sua história, as condições de produção e circulação dos livros, nas quais se tece o lento processo de profissionalização do escritor que, não raro, deu lugar à tensão entre o caráter supostamente desinteressado e gratuito da criação artística e as concretas necessidades de sobrevivência. A estas respondeu, em parte, o livro didático que, pela grande responsabilidade na formação do leitor, é centro de atenção em “Livros didáticos, escola, leitura”. Cruzando temas como escola e literatura, obrigação e clandestinidade, política de ensino e indústria do livro, economia e formação de professores, nacionalismo e conquista de mercado, as autoras de *A formação da leitura no Brasil* não perdem de vista que o ponto de convergência de todos esses sentidos é “o leitor, e com ele, a história das leituras, de que é simultaneamente sujeito e objeto” (p. 131).

A obra contém ainda, para além de uma vasta Bibliografia, um quadro com dados relativos à “Remuneração do trabalho intelectual no Brasil”, abrangendo um período que vai de 1820 a 1930. Antes, porém, encerra-se o círculo, e à “Declara-

ção de princípio” corresponde um movimento de olhar retrospectivo: “Fechando o livro”, Regina Zilberman e Marisa Lajolo recordam pressupostos e reafirmam os objetivos de uma história que se entretetece “com diferentes configurações da sociedade brasileira” (p. 311). Ao fazê-lo, essa história ultrapassa as coordenadas geográficas que toma como referência e demonstra não só que “da perspectiva do público e do leitor também se constrói a história da literatura e calibra-se a reflexão sobre a criação literária” (p. 11), mas ainda que o texto literário, ao tematizar a leitura, é um contributo indispensável para a história do leitor em construção.

Maria do Rosário Cunha Duarte
Universidade Aberta – Delegação Centro
Coimbra, PT